

ENTREVISTA

**Feixe de paradoxos: reflexões sobre o corpo.
Entrevista com a professora Denise Bernuzzi
de Sant´Anna**

*Altamir Trevisan, Juliana Lazzarotto, Sabrina Fiorentim,
Michele Minozzo, Márcia Regina Silva**

Introdução

A professora **Denise Bernuzzi de Sant'Anna** participou do III Simpósio Corporeidade: uma abordagem transdisciplinar, evento promovido pela UNOCHAPECÓ, Universidade Comunitária Regional de Chapecó, em agosto de 2004, na cidade de Chapecó (SC).

Pensando na abordagem de conhecimento sobre Corpo e Corporeidade, Denise Sant'Anna, pesquisadora desta temática, foi convidada a ser uma das palestrantes do Simpósio, ministrando a palestra **“Saúde: obsessão pelo corpo”**. Durante sua estadia em Chapecó o G.E.C.S. – Grupo de Estudos em Corporeidade e Saúde realizou a presente entrevista, construindo momentos de reflexão sobre seu livro: “Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea¹” e aprofundando os temas mais relevantes eleitos durante os estudos realizados pelo G.E.C.S.

Quem é Denise Bernuzzi de Sant'Anna?

Denise é doutora em História das Civilizações Ocidentais pela Universidade de Paris VII (1994). Sua tese trata da história do corpo e do embelezamento feminino. Foi professora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da PUC/SP e, desde 1996, é professora do departamento de História. Atualmente é Professora do Programa de Pós-Graduação em História da PUC/SP e desenvolve uma pesquisa financiada pelo CNPq, sobre a história da água da cidade de São Paulo. Integra Grupos de pesquisa: grupo Resistência/ Criação; grupo de estudos do corpo e da cultura, ligado ao Centre d'Études Transdisciplinaires da EHESS de Paris; Núcleo de Estudos: cultura, cidade e trabalho da PUC/SP. Publicou “O prazer justificado, história e lazer” (Ed. Marco Zero, 1994), “Políticas do Corpo” (Ed. Estação Liberdade, 1995) e “Corpos de Passagem” (Ed. Estação de Liberdade, 2001). É autora de inúmeros artigos, prefácios e capítulos de livros sobre as relações entre corpo e cultura.

Entrevista com a professora Denise Bernuzzi de Sant'Anna

O que vem a ser, afinal, para você, o corpo humano? E como você vê a relação deste corpo na sociedade?

DENISE: O corpo é um dos maiores enigmas que temos e somos ao mesmo tempo. É um feixe de paradoxos. É o que a pessoa tem de mais familiar. Todos nascem e morrem com um corpo e sendo um corpo. Sem um corpo você não existe. Ele é extremamente familiar e ao mesmo tempo, extremamente estranho. Ele não pára de mudar, está no curso do tempo, na história. Na verdade, qualquer dor, qualquer sentimento de prazer inusitado traz uma estranheza grande a cada momento. Você se levanta, olha no espelho e vê uma ruga que você nunca viu... Isso é só um exemplo pequeno, trivial.

O corpo é um feixe de paradoxos e, de certo modo, dá para fazer uma alegoria, uma associação entre o corpo e a própria idéia de vida, que é extremamente complexa. A vida também é um feixe de paradoxos. Então, para mim, o corpo é uma alegoria do próprio curso de vida. Embora a vida seja infinita, pelo menos eu acredito assim, e o corpo de cada um seja finito, penso que o corpo de cada um é talvez o traço mais interessante dessa infinitude, mesmo sendo finito. Então, defino o corpo sempre como um conjunto de paradoxos, como um enigma, como algo não resolvido, como algo que você nunca conhece completamente.

Estamos sempre redescobrimo o corpo. Redescobre-se na medicina, na arte, no cinema, na fotografia, nos vários campos do saber. O corpo é um tema interdisciplinar, transdisciplinar, porém nunca desvendamos este enigma totalmente. Então, neste sentido, mais uma vez repito: ele se aproxima da idéia de vida. Estamos sempre buscando, querendo entender o sentido e nunca conseguimos entender completamente. Entendemos uma parte, conhecemos um pedaço do corpo e imediatamente aparecem novas zonas de sombra que nunca pesquisamos. Isto é o mais interessante.

*E se pudéssemos pensar no corpo como infinito? O corpo é presença; é a maneira de ser e estar no mundo, de acordo com Merleau Ponty. As pessoas carregam as marcas de seus antepassados. Cada pessoa que eu marco, marco **via corpo**. Esta maneira de ser e estar no mundo faz com que seja infinito na nossa visão. Como é que você vê essa possibilidade de pensar o corpo como infinito?*

DENISE: Essa questão da memória genética é como traços que perduram, que ficam, que retomam, que desaparecem em determinada geração e voltam em outra geração.

Houve uma época em que eu estava bastante preocupada em trabalhar com essa infinitude que é extremamente interessante, porque trabalhar com a infinitude das diversas presenças, das marcas do corpo nas vidas dos que continuam após a morte de um determinado indivíduo, é uma maneira de entender justamente a vida como um processo em cadeia, não alguma coisa separada, isolada. Mas há, também, um risco. Ao meu ver há um problema, um risco em se apegar a essa idéia. Quer dizer, quando acho que as pessoas precisam encarar a idéia de que existe uma série de aspectos do corpo que acabam de verdade, há outras, ao mesmo tempo, que continuam. Toda nossa sociedade tem uma certa aversão à idéia do término, da morte, da finitude e é em função deste medo que tenho um certo cuidado ao falar da infinitude.

Concordo com a idéia de que uma pessoa querida morre, por exemplo, e ela continua nas nossas relações. O corpo não termina de fato, em termos da sua experiência neste mundo. O meu receio é o apego a esta idéia. As pessoas não poderiam depositar muitas expectativas em relação a infinitude. As pessoas podem usufruir, como vocês fazem, como eu faço, das presenças com as quais se habita e com as quais se vive. É muito bom isto, é muito saudável pensar nesta infinitude, nestes momentos, mas não se agarrar a essa idéia, porque tudo é feito, na nossa vida, para a pessoa se agarrar muito, como se tudo tivesse a marca da infinitude. No fundo, a maior parte dos nossos problemas são resultado do medo. Somos

medrosos. Isto é norma, pois é fruto do medo de encarar o término de alguma coisa que, às vezes, é muito boa, muito interessante. Tenho medo do desconhecido, de vários medos. Isto pode ser fuga desse medo, sem dúvida, mas é um medo mesmo, é um receio.

A idéia de “passagem” de seu livro descreve, no primeiro capítulo, corpos que percorrem espaços contemporâneos, representados pelos aeroportos e hospitais. Como você analisa a organização urbana das cidades, percebendo o corpo como razão da arquitetura?

DENISE: Ah! essa questão é super importante, é super interessante, porque a relação entre o corpo e as cidades é milenar. O vínculo entre o corpo humano, a arquitetura, a engenharia e os equipamentos urbanos, historicamente, é extremamente interessante. Ele é muito rico. Muitas vezes a pessoa olha para uma cidade e, de certo modo, a cidade é índice da subjetividade e da postura física das pessoas e vice-versa. Às vezes, são cidades, são bairros, são países, então, na verdade, a cultura material, de modo amplo. Não são equipamentos, construções, os estilos de uma época. A cultura material, de uma forma geral, está muito vinculada à cultura sensível, ou seja, à sensibilidade das pessoas. Gosto muito de trabalhar esta relação do objeto com o ser humano. Do ponto mais específico da arquitetura, é possível tornar o ser humano que mora numa determinada cidade, mais ou menos ético em função da sua cidade e vice-versa. É possível construir escolas com janelas, pisos, cores, materiais, que facilitem, que impulsionem determinadas práticas e que ofusquem outras. Toda pedagogia está vinculada a esta organização do espaço e dos objetos. É fundamental que se pense nisto.

Não se pode estar por acaso. Mesmo que a pessoa vá para um espaço onde tudo esteja pronto, onde não há muita alternativa de mudança, sempre existe a possibilidade de modificar a maneira de estar, de se colocar no espaço, de usar os objetos. Você sempre tem uma possibilidade, porque não existe uma arquitetura fascista em

si mesma. O uso pode tornar a arquitetura com uma aparência fascista em uma arquitetura democrática. Tudo depende do uso.

Então, se a estrutura já está dada, é possível, através da utilização, modificá-la. Agora é preciso estar atento a isto. Nas escolas, não basta só dizer eu vou estar atento. É preciso ter uma cultura técnica. As escolas, de uma maneira geral, menosprezam especialmente os cursos de humanas, a cultura técnica. Acreditamos que técnica é uma coisa fria, gelada, não tem subjetividade, não serve pra nada, que os engenheiros são todos pouco inteligentes. Isto é a coisa mais grosseira que ouvi quando era mais nova. Lembro da separação que é quase um muro de Berlin entre ciências exatas e ciências humanas. Ficamos com a subjetividade, com o espírito, com os sonhos, com as ideologias, e os outros ficaram com o cálculo, com as regras, com a objetividade. Na realidade, não é nada disso.

A maneira de colocarmos os objetos e o aprendizado da técnica se deu em nome da assepsia e da ordem. Uma escola é pintada de cinza ou de marrom, porque foi pensada para disfarçar a "sujeira". Em nome da assepsia os pais não querem que as crianças se sujeem muito na escola. Esta relação com o espaço passa a ser cultural pelo entendimento de como deveria ser organizado. Cada vez mais cimento, uma cor que não contraste tanto com a própria "sujeira". Como a forma de organização dos espaços, transgride a supremacia da ordem e da assepsia?

DENISE: A ordem e a assepsia não são um problema. Elas podem ser interessantes. Antes delas vem um problema maior que é a terrível ilusão de que a técnica, a ciência, o ensino. Principalmente a idéia de que o ensino das ciências exatas, seria puro artifício, ou, a salvação do homem. Estas duas ilusões levam a outras tantas ilusões como, por exemplo, que por meio da ordem e da assepsia a pessoa vai conseguir progresso, uma moral virtuosa, ou hoje, um corpo, em forma de saúde, um corpo saudável. Mas, no fundo, há um equívoco. Parece que é uma ilusão achar que se trata de artifício ou da salvação da humanidade. Isto tem a ver com o fato de termos

um país colonizado, um país que teve quatro séculos de escravidão e que teve uma relação com a tecnologia muito ambígua, muito esquisita, muito complicada. Tem a ver com a nossa história também. Não é algo só do presente. Tem a ver com o Brasil que sempre importa tecnologia, sempre teve esta relação ambígua, porque é fascinado por aquilo que vem de fora, pelo que ele não produz. Mas, ao mesmo tempo, é extremamente ressentido com o que não pode produzir, quer dizer, poder ele pode, existem muitas pessoas criativas neste país. O país importa, por questões que extrapolam o domínio de cada um. Temos uma relação muito ambígua com a tecnologia, com a técnica, com a arquitetura, com tudo aquilo que é considerado exato, a matéria, a relação com a matéria.

Enfocando sobre a questão da educação, da pedagogia do corpo na sala de aula. Em relação à sua linguagem e a forma como o educador pode estar observando, gostaríamos que você discorresse sobre a importância de como entender a linguagem desse corpo no âmbito educacional.

DENISE: O corpo é um campo imenso de possibilidades e não muito explorado ainda. Talvez, em alguns lugares, em alguns setores, as pessoas estejam trabalhando mais com as várias linguagens do corpo, mas a própria estrutura da sala de aula não permite que se vá muito longe, não é! Agora, não entendo de pedagogia. Não entendo porque não pratico a pedagogia. Não entendo porque não tenho a prática desta pedagogia. O que sei é puramente do nível especulativo. É possível e se sente que algumas pessoas já estão trabalhando este corpo da seguinte maneira: o aluno, seja de que curso for, deve entender que tudo o que está aprendendo em sala de aula, mesmo que ele esteja sentadinho, sem poder se mexer muito naquela cadeira, tudo que ele está aprendendo ali não é algo que diz respeito apenas a um universo mental, separado de todas as atividades dele. Como o professor faz isto eu não tenho este método, não sei. Penso que no Brasil as pessoas têm “n” possibilidades. Se o

corpo tem “n” possibilidades, o Brasil oferece muitas oportunidades, pelos seus contrastes geográficos, sociais, culturais. Aqui há uma relação com o corpo, não é um mito isto, é de uma cultura gestual rica, e isto seria um instrumento de trabalho para nós. O que já existe não precisa ser inventado, é só articular o que já tem. Quando você trabalha com criança, então, é fantástico! O que as crianças trazem como cultura gestual que pertence aos seus pais, aos seus avós, aos meninos que estão na rua brincando com eles. Enfim, como trabalhar esta cultura gestual trazida pelos meninos?

Uma coisa interessante, talvez, em princípio, é partir da idéia de que o conhecimento gestual, o conhecimento do corpo, não seria o primo pobre do conhecimento mental, quer dizer, uma vez tendo isto por base, nós escapamos do risco de achar que o conhecimento gestual prescindiria de ser estudado. Quando se fala em corpo, não precisa ter tanto rigor. Existe uma série de mitos que estão na base daquela divisão entre corpo-espírito, ou corpo-alma, ou corpo-mente, como quiser, e que faz com que na escola a pessoa pense: bom, aqui nós vamos cuidar do pensamento, nós vamos sofisticar nosso pensamento, e, na aula de dança, vai-se sofisticar o corpo. E aí acaba que na dança a pessoa pensa. Ah! É hora de relaxar, extravasar. Aqui é a compensação do esforço da sala de aula. É preciso repensar este modo de atribuir ao corpo o papel de primo pobre.

Então, quando se fala de corpo, pode-se falar de corpo rindo, sério, dançando, de qualquer forma, mas existe rigor, tem que ser estudado, há trabalho. Trabalho no sentido da obra, como em arte. Tem um esforço, é isto que precisa ser aprimorado.

Em “Corpos de passagem” você descreve a valorização do corpo humano e sua exploração comercial. Você coloca que somos incessantemente ameaçados pelo risco do descarte e do isolamento. Afirma que somos indivíduos reduzidos a “organismos liberados de seu patrimônio cultural e genético”. Como você percebe a inserção das afirmações acima no currículo das universidades brasileiras enquanto formadoras de profissionais?

DENISE: Nunca tinha pensado nisso que eu falei. Essa questão é bem interessante. Quando coloquei sobre o risco do descaso e isolamento, fiz uma crítica geral sobre todas, especialmente ambiente de trabalho, seja qual for a profissão. É muito comum se cobrar das pessoas um rendimento, uma utilidade, uma alegria, um bom humor e bem-estar, auto-estima 24 horas por dia, especialmente quando você está trabalhando. Então, em casa você está deprimido, o problema é seu, mas no trabalho você precisa estar bem. Faz parte da produtividade exibir esta aparência física, esta subjetividade. Se você não fizer isto, você corre o risco de ser descartado, de ser preterido e de ficar isolado. Este é um lado da coisa. O outro lado são aquelas pessoas que conseguem, de alguma maneira, não cair no medo deste risco, ou não escorregarem no medo de descarte e fazem da própria vida uma espécie de vínculo. Chamo de corpo de passagem isto, porque é uma espécie de vínculo, quer dizer, no lugar da pessoa ficar investindo nela, para ela somente, investe nela e para aquilo que está do lado dela, para as pessoas que estão ali. Ficou muito difícil falar do coletivo. Mas, enfim, pessoas que conseguem de certo modo não ser uma espécie de pára-raios, que pegam todas as energias e ficam segurando. Como é que esta crítica pode ser pensada nas universidades brasileiras?

Em primeiro lugar, o currículo nas universidades brasileiras, seja de que curso for, teria que incluir, em algum momento, não sei se em forma de disciplina, que talvez poderia ser: condutas éticas no cotidiano. Não há mais a conduta ética na escola. Acabou. Nem sei se já existiu. Antigamente havia preocupação com a moral, com

a virtude, com disciplinas ligadas à moralidade. Não quero voltar a isto, porque é uma camisa de força e não é nada disto que estou falando. Mas as condutas éticas são simplesmente aquilo que muitas vezes os pais se esforçam para refletir sobre alguns programas de televisão. Alguns conselhos de revista feminina. A escola poderia não fazer isto, mas está comprometida com uma imagem de marca. A mídia está comprometida com o anunciante que paga; a revista, em função do produto, e os pais têm muito a ver com o seu filho. A escola é uma oportunidade fantástica de fazer isto com os jovens, crianças, pouco importa. É abrir espaço no currículo para trabalhar coletivamente sem cair em psicanálise. Ler textos a respeito, trabalhar com os textos e isto faz falta. Desde entender o que é uma pessoa mais velha, o que ela significa na sociedade, porque eu tenho que dar lugar para as pessoas mais velhas. As pessoas confundem suas atitudes relacionadas com a disciplina. Há um enorme equívoco, uma enorme confusão. Faltam momentos de reflexão mesmo. Você tem que pensar nas suas condutas cotidianas, avaliar até que ponto está sendo ético ou não. O que você está fazendo com o conhecimento? Mas sem a nota, sem a avaliação, por que não se trata disto. Os professores vão ter que inventar um outro jeito. É um sonho meu.

*Como você vê a transdisciplinariedade nas universidades brasileiras?
Como você percebe o tema "corpo" como uma possibilidade de tema transdisciplinar?*

DENISE: A transdisciplinaridade não significa a mesma coisa que interdisciplinaridade. Todas as disciplinas têm suas singularidades, suas especificidades. Agora se trata de uma relação, de uma comunicação entre estas várias singularidades. O estudo da transformação do corpo em tema poderia estar presente em vários momentos do currículo. Num curso de jornalismo, por exemplo, a fotografia do corpo é muito presente. Aí há um espaço para pensar sobre a relação do corpo com a imagem do mundo contemporâneo.

Ai já seria um filão importante, quer dizer, a exposição obsessiva, às vezes, do corpo, ou zonas que não são mostradas, comportamentos que são tabus ainda hoje apesar de toda a visibilidade. Você tem todo um campo para trabalhar com o corpo. Se nós formos, por exemplo, na psicologia, não há só uma história da psicologia, mas da própria psicanálise que abordou o corpo de várias maneiras, como Reich e outros. Há toda uma história e teria também, no presente, a possibilidade da parte dos projetos, por exemplo, de mestrado, de alunos que fossem para a pós-graduação, de pensar assim: Como um psicólogo lida com a presença corporal? A presença corporal não está muito evidente, mesmo na sua evidência mais escancarada. Como é que ele lida com isso? Às vezes, o corpo é um obstáculo para o psicólogo, às vezes é uma dica. Eu acho que em todas as áreas daria para pensar o tema do corpo, a idéia do corpo. O problema é que, às vezes, o corpo é considerado um tema muito mais da área médica do que das ciências humanas em geral.

Segundo o seu livro, a “escolha pela lentidão” poderia ser a possibilidade de suspender o desejo de “viver sempre mais”. Por quê?

DENISE: Há uma naturalização da idéia de que nós temos que ser velozes cada vez mais e de que isto é extremamente importante para todos. Nós teríamos que fazer cada vez mais coisas em menos tempo. Então o auge do charme, da beleza e da sedução é este conjunto de imagens que vemos constantemente na mídia, especificamente na televisão. Pessoas que atendem o telefone e ao mesmo tempo sabem o que o carro está fazendo, o que o homem está falando, está escrevendo. Nos filmes hollywoodianos em geral, há uma valorização do movimento. Um movimento acelerado. Esta aceleração foi naturalizada especialmente dos anos 20 para cá, considerada algo natural, para ser produtivo, moderno, gente de bem, digno, moderno, tudo que vocês quiserem de bom. Precisa ter este “speed”. A gente fala mesmo em inglês, às vezes até para deixar claro de onde vem.

Há uma reação a isso que pode ser tão ávida quanto o que se critica. Então a reação também é complicada, quer dizer ah, eu vou dar marcha ré, vou ficar na rede. A moda agora é a lentidão? Então a reação, como qualquer reação, é perigosa porque ela pode carregar um certo ressentimento, especialmente se a pessoa que reage, reage porque não se dá conta. Devemos ter cuidado com o elogio da lentidão, porque dá a impressão que a lentidão é a única alternativa. As pessoas vão ser lentas, mas extremamente ávidas, como elas são com a velocidade. Então na verdade, não há fórmula, não tem kit metodológico para absolutamente nada nesta vida. “Viver sempre mais!” é um slogan publicitário por excelência. Seja mais, viva mais, seja mais você, mais, mais! É a cultura do mais. E a vida também virou uma coisa de viver mais. Pouco importa se a qualidade da sua vida não é lá muito boa, você tem que viver mais. A escolha pela lentidão é uma reflexão para chacoalhar essa naturalização da idéia de que tem que viver mais e com velocidade. Não é disto que depende qualquer que seja a sua noção de felicidade.

A idéia da lentidão lembra o movimento dos anos 70, onde a busca do “nirvana” estava interligada ao aniquilamento do próprio desejo. A escolha pela lentidão está ligada a uma concepção de vida oriental?

DENISE: Os anos 70, nesse sentido, foram muito importantes. O que a contracultura trouxe, de alguma maneira, virou boutique, nós sabemos. Mas a contracultura trouxe a influência Oriental que tem um entendimento de desejo que não é o nosso. O desejo do ocidental expressa uma vontade que sempre carrega avidez, capitalismo, acumulação e apego às coisas. Algumas pessoas no Oriente, há milênios, vivenciam uma filosofia onde existe desejo, mas um desejo não ávido. Esta combinação é fruto de um exercício na vida que dura anos, e anos de muita meditação. Não é que o desejo desaparece. Se entendermos o desejo como sinônimo de avidez, ele desaparece mesmo. Porém, o desejo continua. Aliás, o desejo é uma potência de vida, sem ele ninguém existe. O desejo continua, mas ele

deixa de ser ávido. Nós vivemos neste autismo porque é uma repetição infinita, e a idéia do nirvana que foi muito popularizada, virou boutique, bar, mas a idéia mais fundamental lá de trás, é a de ter desejos sim, mas desejo não é esta sede insaciável. Ele te sacia, há intervalos entre um desejo e outro. Este é o problema. É que, para nós, um desejo está tão colado no outro que não conseguimos separar um desejo de outro. Vira um trem passando na sua frente sem você notar que os vagões são diferentes uns dos outros. Tentar meditar é entender que entre um desejo e outro há um espaço. Se você consegue ter este espaço, a sede consegue dar uma acalmada.

Você comenta em seu livro que "talvez a forma mais arrogante de sobreviver seja a de querer permanecer eternamente". Portanto como você vê a ambição crescente do homem que busca limitar a morte e tornar a vida ilimitada?

DENISE: Eu acho catastrófica. Faz parte da vida querer viver, é evidente. Qualquer animal, qualquer pessoa quer viver. É normal. Raramente, encontram-se pessoas desgostosas com a vida e querendo se matar. Mas em geral, todas as pessoas querem viver e fazem o possível para viver. A medicina, hoje, oferece muitas possibilidades de prolongamento da vida, especialmente quando se tem dinheiro para pagar procedimentos especializados, não resta dúvida. Catastrófico é não aceitar a idéia de que existe a finitude e que você precisa desaparecer para que outros apareçam. A idéia de morte no Ocidente é tida como uma morte individual e um acontecimento que não tem nenhuma relação com o outro. A minha morte é a coisa mais importante na vida é obvio. Todo mundo morre. A única certeza que temos nesta vida é que vamos morrer. E o que isto quer dizer? É o grande acontecimento, o terrível acontecimento. Como achamos que é um terrível acontecimento, o nosso grande acontecimento, achamos que para todo mundo a nossa morte tem que ser assim. Então nós morremos duas vezes. Nós morremos porque morremos, mas é na morte que é preciso fazer o luto. É terrível saber que você vai morrer e que para os outros a vida vai continuar. É difícil compreender que a

vida está além de você. Você tem que aprender muito rápido que a vida te ultrapassa. Ela está antes e depois de você. Você passa por ela e deixa as suas marcas, que são fundamentais e podem viver por muitos e muitos anos, séculos, inclusive, através da educação de um filho, um livro, pouco importa, elas vivem! É um jogo muito delicado. É preciso encarar o limite. Você vai morrer, é a primeira certeza e, aliás, quanto mais cedo a gente pensar nisso, melhor. Nós vamos morrer, isso eu tenho certeza. Bom, já que eu vou morrer, como fazer o que eu quero desta vida? Não vou levar nada, todo mundo sabe disto. Então, o que eu vou fazer? Quando percebemos isto, todos os dias de nossa vida terão uma densidade muito maior.

Quando você aborda o tema Economia do corpo, você descreve que "...a economia está bastante interessada na realidade corporal, sobretudo em nossos dias." Alguns economistas chamaram a atenção para essa vocação do capitalismo atual de investir em 'três esferas infinitas': a gestão da sociedade, a reprodução da Terra (ar, água, vegetais) e a reprodução do humano. Na sua visão, como o interesse econômico é despertado pelo corpo?

DENISE: Poderíamos pensar a partir do início do século XX da revolução da física quântica. Pensar um exemplo mais científico. Quando se fala no campo científico, a ideia de tempo e espaço muda completamente. A partir de 1905, mais claramente a partir da teoria da relatividade, depende um pouco de onde você está no espaço para perceber o tempo, em primeiro lugar. Então o lugar de onde você fala e de onde você vê interfere diretamente naquilo que você conhece. Toda teoria do conhecimento se modifica a partir de então. Antigamente pensava-se e se conhecia o mundo independente do lugar onde você estava. Agora não. Agora depende de onde você está para perceber um certo tempo e não outro. Cabe-nos falar de várias temporalidades. Nós vivemos, percebemos e somos muitas temporalidades. Acho que esta é a parte mais complicada, porque nós não somos só um tempo caminhando para o futuro numa linha reta, num tempo flecha. Nós somos um imbróglgio de temporalidade

que se desenvolve ainda num sentido positivista. Vivemos nesses embates de memórias orgânicas, mentais, pouco importa. Nós somos este feixe, emaranhado de temporalidade e disputas tensas. Vivenciamos jogos. Assim pergunto: como é que esta relação entre a observação dos vários tempos e espaços pode produzir um tipo de conhecimento que é sempre parcial e provisório? Não dá mais para falar de um conhecimento geral e totalitário. Ele vai ser sempre um ponto de vista que é real, ele não é somente relativo. Ele tem uma relatividade, mas é real. Então vamos sempre lidar com este paradoxo, não tem outro jeito. O tempo, assim como o espaço, sempre será um ponto de vista real e provisório de qualquer evento. Quando nos damos conta das várias temporalidades que somos, o fundamental, não será necessariamente viver todas as temporalidades, dar expressões a todas elas. Penso que este ponto é fundamental. E muitas vezes se tenta fazer isto e é muito duro. É muito difícil, pois os resultados para o conhecimento nem sempre são muito favoráveis. Então o que eu acho importante é perceber que a reflexão é fruto da duração, não é nem do tempo, é da duração. Um exemplo vivo é o da ameba, que é um organismo mais simples, onde tudo que bate na primeira camada da ameba, que é a primeira e a última, porque ela só tem uma membrana, ela tem que imediatamente responder. Ela não tem tempo. Talvez o sinônimo da sofisticação do pensamento seja ganhar tempo, não no sentido capitalista de fazer mais coisas, não é esse, mas mais tempo de reflexão, senão vira tudo reflexo. O duro é transformar todas as atividades em reflexo e não mais em reflexão. É necessário juntar as duas coisas.

Uma questão importante também com relação à escolha é de refletir que não dá para viver tudo. Você não tem como abarcar todos os tempos.

DENISE: É bom saber que não dá para fazer tudo e nem para abarcar tudo e melhor ainda, que não é talvez abarcando tudo que o melhor de você aparece.

ALTAMIR: Na divina comédia humana, Dante coloca que o inferno é a cessação da escolha. Segundo o autor quando você esta no inferno não tem mais possibilidade de fazer escolhas. É o determinismo eterno. A possibilidade de fazermos escolhas exercita a plenitude da condição humana. É fundamental que nossas escolhas levem mais vida para todos.

Estudando o corpo, você encontrou uma forma de relacionamento com o mundo? Como você descreveria as formas como você vive, relacionada com o tema corporeidade? Encontrou uma nova forma de ver o mundo? Como você descreveria a sua forma de viver, relacionada ao tema corporeidade?

DENISE: Eu sou super relapsa com o meu corpo. Eu não sou nada disso. Incoerência absoluta entre o que eu penso, falo e escrevo e o que eu faço. Trabalho bastante, mas cada vez eu tento regrar isto, justamente para estar de corpo presente nos lugares, porque se você aceita muitos convites, quando os convites se realizam, você não esta no lugar, você já está cansada, já está pensando no outro, está preparando *o paper* para outro lugar, então primeiro as coisas básicas, isto de fato. Mas não sei se tem a ver com o fato de trabalhar com o corpo, é uma coisa da idade. Eu tenho que me adaptar, tenho que aceitar os limites do meu corpo. Isto a gente vai aprendendo com a idade, não precisa nem ter universidade nem nada disto. Então, a primeira coisa é aceitar o limite para que você possa estar totalmente para aquilo para o que você vai fazer, a segunda coisa é equilibrar um pouco. Nós que trabalhamos nas universidades usamos muito atividade mental, então precisa fazer alguma coisa mais física, mas eu faço muito pouco perto do que eu deveria fazer. Eu ando a pé...

O que mudou muito é essa maneira de tentar perceber a relação do indivíduo e coletivo. Isto mudou. O livro e os outros textos meus sobre o corpo são resultados de experiências na vida, sem sombra de dúvida, não foi o livro que me mudou. O livro foi resultado de coisas que eu vivi, eu já nem sei descrever mais quais foram, mas enfim, são

resultados de experiências na vida, experiências com outros livros, mais experiências sem livros.

Tem muitas pessoas nos aeroportos, mas nenhuma delas lançam um olhar reflexivo sobre essas pessoas. A UNOCHAPECÓ tem o CEOM – Centro de Memória do Oeste Catarinense -, com essa idéia de passagem. O CEOM foi instalado na rodoviária do município. A questão tem similaridade com o que você aborda no livro. O passageiro passa pela rodoviária e encontra a memória da cidade. Não são todas as pessoas que estão na rodoviária que vão ter esta percepção. O tema da corporeidade faz com que você, no espaço e no tempo que você está, comece a lançar uma percepção, um olhar sobre as coisas, sobre o mundo que se diferencia totalmente. Como podemos construir uma maneira de perceber e nos perceber enquanto corpos, enquanto seres humanos nesta dimensão, vivendo esta temporalidade e espacialidade?

DENISE: Para mim vem sempre muito, quando eu estou nos vários espaços, eu observo muito o corpo das pessoas, não resta dúvida e não sei de onde vem isto, mas a idéia é sempre que me impulsiona observar estes corpos é porque eu acho que eu sou filha da época. Na nossa época o corpo é o índice principal da identidade de cada um, então me interessa muito ver como as pessoas se comportam, eu acho que aeroporto é um lugar ou a rodoviária, um lugar de passagem em que as pessoas expressam justamente as várias excitações, os vários receios que na vida diária nem sempre são muito expressos. Então é um lugar ótimo para observar as pessoas, especialmente se você senta e as pessoas passam por você. Neste ponto de vista é bem interessante, ver as pessoas andando. Eu me interesso sempre por observar isto e eu não sei de onde veio.

Notas

*Membros do G.E.C.S. - Grupo de Estudos em Corporeidade e Saúde, vinculado ao Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento Humano do Centro de Ciências da Saúde da UNOCHAPECÓ